

Suplemento Cultural

A Histórica 1ª Sessão Conjunta de duas coirmãs Academias Estaduais de Letras

RUBENIO MARCELO – MEMBRO E SECRETÁRIO-GERAL DA ASL E MEMBRO CORRESPONDENTE DA AML

Histórica, fecunda e concorrida – assim podemos definir a belíssima *Sessão Acadêmica Conjunta* que aconteceu na noite de quinta-feira p.p. (10/09) em Cuiabá/MT, reunindo membros da Academia Mato-Grossense de Letras (AML) e da nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL). Além dos desígnios literoculturais e acadêmicos, o evento timbrou tocante dosagem de civismo, num conagração de valores dos dois estados – em dispositivos próprios, juntinhas ao Pavilhão Nacional, as Bandeiras de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul ocuparam lugar de honra no recinto; e, na pauta do cerimonial, as execuções dos Hinos estaduais emocionaram os presentes.

A solenidade, aberta ao público, na tradicional *Casa Barão de Melgaço* (sede da AML) superlotada, que também marcou a nossa posse como membro correspondente daquela Instituição, contou com presenças de inúmeras autoridades e personalidades. Representando a ASL, estiveram conosco os seguintes acadêmicos: Reginaldo Araújo (presidente), Valmir Batista Corrêa, Henrique de Medeiros, Elizabeth Fonseca, além de Ileides Muller e Samuel Medeiros (eleitos e ainda não empossados). Do Instituto Histórico e Geográfico de MS, a historiadora e professora Lúcia Salsa Corrêa. Também integraram a Comitativa de MS o Secretário Estadual de Cultura, Empreendedorismo e Inovação, Athayde Nery, o escritor Oswaldo Barbosa, Nelson Fonseca,



AML & ASL – duas entidades culturais máximas, irmanadas em prol da literatura de ambos os estados, MT e MS



Ataliba Muller, Adriana Estivalet, Mazé Marcelo e Irene Oshiro.

A inédita *Sessão Acadêmica Conjunta* (AML-ASL) em Cuiabá, que também empossou a nova Diretoria da AML, coroou a atual aproximação e o intercâmbio cultural das duas maiores instituições literárias estaduais, num compromisso recíproco em prol da arte/cultura e literatura.

Sediada na nossa *Cidade Morena*, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras foi fundada em 30/10/1971, com a denominação de Academia de Letras e História de Campo Grande (ALHCG), pelos escritores Ulisses Serra, José Couto Vieira Pontes e Germano Barros de Souza, “*sonhadores*” – no dizer da acadêmica Glorinha Sá Rosa – “*que, cheios de decisão, ergueram o monumento, que resiste aos vendavais, enquanto inúmeras outras instituições foram sendo desfeitas pelo vento...*”.

Às vésperas da instalação da nova unidade da Federação (MS), que se da-

ria em 1º/01/1979, a ALHCG ganhou a denominação de Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, em assembleia realizada na residência do (hoje saudoso) acadêmico Luiz Alexandre de Oliveira, que doou esta sua casa (na Rua Rui Barbosa nº 2624) para abrigar posteriormente a sede da ASL, a qual, com a morte do doador no ano de 1999, acolheu também o Instituto Histórico e Geográfico/MS, que funcionou no local até janeiro de 2008, quando se mudou para a atual sede na Esplanada da Ferroviária.

Assim como a ASL descende da Academia de Letras e História de Campo Grande, a Academia Mato-Grossense de Letras é originária do Centro Mato-Grossense de Letras, que foi fundado em 1921, com sede em Cuiabá, pelos intelectuais D. Francisco de Aquino Corrêa, José Barnabé de Mesquita, Larapine Ferreira Mendes, João Barbosa de Faria, Estevão de Mendonça, Miguel Carmo de Oliveira Mello, Carlos Gomes Borralho, Cesário da Silva Prado,

“

A inédita *Sessão Acadêmica Conjunta* (AML-ASL) em Cuiabá, que também empossou a nova Diretoria da AML, coroou a atual aproximação e o intercâmbio cultural das duas maiores instituições literárias estaduais (...)”

Philogonio de Paula Corrêa, João Cunha, Virgílio Corrêa Filho e Franklin Cassiano. Ressalte-se a atuação deste mesmo grupo na criação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em 1919.

Ao longo da história, alguns intelectuais pertenceram às duas irmanadas Academias (ASL e AML), como Lécio Gomes de Souza, Antônio Lopes Lins, Rubens de Castro, Helio Serejo, Ulisses Serra, Demóstenes Martins, Lenine Póvoas, Hugo Pereira do Vale – estes saudosos; e os atuais acadêmicos F. Leal de Queiroz e José Couto Vieira Pontes (eleitos na época do Mato Grosso uno).

A indiferença humana

ZORRILLO DE ALMEIDA SOBRINHO

Voltava eu da Biblioteca Pública, onde estava lendo “Os Miseráveis”, de Victor Hugo, quando vi, deitado no chão da calçada, um menino, que tinha por travesseiro um saco de anagem, e sem um cobertor. Coitado! Causou-me pena!

Que triste existência deve ser a sua! Dorme ao relento, exposto a contrair um resfriado ou outra doença. Todo esfarrapado, sem ter sequer uma moeda no bolso, dependendo de esmolas, para tomar a primeira refeição do dia. E, entretanto, passam por ele pessoas desumanas, néscios, insensíveis e incapazes de lançar um olhar de compaixão àquele infeliz que lá pela madrugada estará tiritando de frio, enquanto os demais estarão em macios lençóis. O pobre, um verdadeiro Gavroche, no seu sono inocente, não ouve a música da irisada eletrola, que deleita os ouvidos dos que a põem em movimento, para demonstrar que possuem dinheiro fácil para gastar.

Tais brutamontes deleitam-se a sor-

rir, pachorrentamente instalados numa grande modorra, enquanto as mesas do bar vão se enchendo de garrafas vazias e ninguém se lembra de que ali perto alguém sente frio, foi talvez dormir com fome e sede. Limitam-se a beber e a escutar a eletrola. Dão-se ares de importância e soberbos, e, muito bem vestidos, ostentam anéis de pedras falsas...

Não passam de homens apegados ao culto da matéria, incapazes de praticar um ato que mereça louvor. E se o fazem, se praticam algum gesto de filantropia, é por pura ostentação.

A visão daquele menino me faz lembrar uma história da revista Tico-tico, que meu pai me contava sempre. Numa delas, no ano de 1934, havia a seguinte narrativa:

“Um pobre menino, dormindo ao relento, sonhava com o cômico Carlitos, e via este a conduzi-lo, por uma longa escada, ao Paraíso – Ele via as estrelas, Nosso Senhor, os anjos, querubins e serafins”.

O menino que eu encontrei dormindo nas calçadas talvez sonhe também com anjos, querubins e serafins e Nossa Senhora.

Caixa de Música

NELLY MARTINS

A caixa de música é peça da sala.

Nos anos de 28, estava nas prateleiras da casa São Nicolau.

Ela, nos seus 5 anos, com a mãe e irmã visitam o Papai Noel nessa casa de brinquedos.

O velho de barbas brancas e roupa vermelha recebe as crianças com alegria, em cenário montado no centro da loja.

Sentado em frente à pequena casa, com jardim florido, cortina e vasos nas janelas, ouve cada um dos que se aproximam.

Figura simpática, emociona a meninada, que tem o coração pulsando forte, quando fala com o Pai Noel.

A loja é repleta de brinquedos.

Velocípedes, patinetes, bicicletas, bonecas de massa, celuloide e porcelana, carros e trens de corda, jogos de todas as qualidades, bichos de pelúcia deixam os pequenos indecisos. Nem sabem o que escolher.

- Quero uma bicicleta.
- E eu um trem elétrico.
- Para mim o Sr. traz uma boneca, tá, Papai Noel?
- Eu quero o velocípede vermelho.

- Meu pedido é o da ‘caixinha de música’, você me dá?

Foi preciso um tempo para o velho Noel identificar o brinquedo, tão pequeno e insignificante e com um preço tão alto.

Sim, lá estava ela no alto da prateleira. Bem menor que uma caixa de sapatos e feita em madeira, revestida de papel em flores, tem como ornamento um polichinelo de 25, 30 centímetros. Rosto de porcelana, cabelos loiros encaracolados, olhos de cristal, roupa de cetim em losangos coloridos. Na cabeça do maestro, o chapéu de três bicos, com guizos dourados e, na mão, a

batuta de regente.

Pequena manivela acionada e ouve-se doce a suave melodia, desde então inesquecível para sua dona.

O boneco vai e vem, num embalo compassado, com a varinha de reagente a marcar os tempos da música.

Quero a caixinha de música, repetia ela, fascinada pelo polichinelo e pela melodia.

O tempo passou.

A menina cresce e vira moça.

O boneco assiste à transformação, tentando trazê-la envolvida com sua terna melodia.

Um dia, ela se enamora.

Mais um tempo e se casa.

Leva consigo o enciumado polichinelo.

Vêm os filhos.
Estes descobrem o realejo, que andara esquecido.

Disputam-no e deixam o personagem em pedaços.

Sobra a caixa envelhecida, perdida entre os guardados.

Crescidos, os filhos se vão, cada um por seu caminho, ficando só o velho casal.

Passam-se anos.

Em viagem pelo mundo, encontram-se um polichinelo muito parecido com o que se foi um dia.

Sobre a caixinha vestida de nova roupa, ele é colocado e torna-se, desde então, peça de sala.

Aprende-se a amar o novo polichinelo.

Quando a saudade bate e traz à lembrança um tempo que se foi, a manivela gira e o canto que se ouve enche o espaço de histórias que não se esquecem jamais.

POESIA

A ULISSES SERRA

(Fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras)

Morreste *alhures*, imortal Ulisses,
Serra que ascende ao páramo infinito...
Mas não um exilado e um proscrito
De si mesmo, pois levas as meiguices

Da gente tua a amar-te qual um mito,
Te acompanhando em pensamento e preces...
Da tua casa, porém, longe adormeces
Sem dela *ouvir* o coração bendito!

Partiste para a glória celestial...
Mas, na saudade, nos preenche Deus
O vão que tua ausência propicia:

A Casa que fundaste é o nosso Graal,
Nos guiam sempre os sábios passos teus,
Teu coração é a própria Academia!

GERALDO RAMON PEREIRA

ESTA ACONTECEU

JORGE ANTÔNIO SIUFI

Num pequeno vilarejo, nestes confins mato-grossenses, havia um delegado de polícia muito bonachão, que só entrava em atividade uma ou outra vez, quando acontecia alguma coisa naquele ermo.

Já há três dias atrás acontecera um grave homicídio, quando um moço matara sua mãe e sua mulher, e, em seguida, ganhara o mundo, tendo saído em seu encaço uma potente patrulha, fortemente armada.

Vamos chamar o nosso personagem de Ramonito.

Estava ele escarrapachado em sua rede, armada entre dois coqueiros nativos (ali não se plantava nada), em trajes sumários, quando chegou um mensageiro avisando-o de que, dentro de meia hora chegaria, naquela localidade, o Secretário de Segurança para uma rápida inspeção.

O comércio local ficou em polvorosa e o Salim com seus amigos, Rafat e Kalil, arrumaram um terno de sarja preto, camisa branca, gravata e sapato novo para Ramonito recepcionar o Secretário, a fim de causar boa impressão.

Levaram Ramonito para o aeroporto. Isto era por volta das 14 horas, quando o sol queimava mais que um fogo vivo. Largaram Ramonito, à espera do avião que traria o Secretário. O avião demorava. Depois de duas horas de verdadeiro inferno, chegou Ramonito estava semi-assado, chegou o avião. O termômetro acusava 40 graus.

Cumprimentos, reverências, salamaleques, abraços, risinhos atravessados, “tudo bem”, etc. o Secretário pergunta:

- Então, Ramonito, tudo bem por aí?
- Todo bien, Che patrón, estou procurando aquele tipo que matou a madre y la mujer.

- Bem, se está tudo bem – atravessou o Secretário – não há razão para eu ficar aqui nesta biboca.

E olhando para o piloto, ordenou:

- Eh, vambora, só!
Virando-se para Ramonito, arrematou:

- Qualquer coisa aí, me avisa, tá? Tchau.

Subiu no avião e foi-se embora, largando o pobre e suarento Ramonito, mais assado que galeto naquelas máquinas de assar galinhas.

Ramonito foi para casa e despiu-se imediatamente da criminosa indumentária que lhe infernizava o dia, momento em que chega correndo um soldado seu e informa:

- Don Ramonito, prendemos o cara. Que que vamos fazê com ele? Mata?

- No, mi amigo, matar nunca. Quiero que usted venga a cá con el, que le voy a vestir este traje negro, con camisa y corbata y ponerle este sapato bien apertao en el pié, y después vamos a poner el tipo dos o tres horas bajo el sol.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

EM SOLENIDADE HISTÓRICA EM CUIABÁ, ACADÊMICO RUBENIO MARCELO TOMA POSSE COMO MEMBRO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS – Indicado recentemente e eleito por unanimidade, o acadêmico Rubenio Marcelo foi empossado como *Membro Correspondente* da Academia Mato-Grossense de Letras, em solenidade que aconteceu quinta-feira p.p. (10/09), em Cuiabá, na *Casa Barão de Melgaço*, sede da AML. A significativa Posse marcou na história a primeira *Sessão Conjunta* entre as duas coirmãs Academias de Letras estaduais: a Academia Mato-Grossense de Letras (AML), que possui 94 anos de existência, e a nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), que completa em outubro 44 anos.

COMITIVA CULTURAL DE MS PRESTIGIOU A SOLENIDADE – Além do acadêmico (e secretário-geral da ASL) Rubenio Marcelo, que tomou posse em Cuiabá, também estiveram presentes nesta sessão histórica, representando a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, os seguintes acadêmicos: Reginaldo Araújo (presidente da ASL), Valmir Batista Corrêa, Henrique de Medeiros, Elizabeth Fonseca, além de Ileides Muller e Samuel Medeiros (acadêmicos eleitos e ainda não empossados na ASL). Do IHGMS integrou a Comitativa a historiadora Lucia Salsa Corrêa, além de Valmir Corrêa.

A inédita *Sessão Acadêmica Conjunta* (AML-ASL) em Cuiabá, que também empossou a nova Diretoria da AML, coroou a aproximação e o fecundo intercâmbio cultural das duas maiores instituições literárias estaduais, bem como celebraram valores dos dois Estados.